

COM O PASSADO FAZER FUTURO

O CASO DA FOLHA DE ACÁCIA DA OTA

ANDRÉ TEXUGO Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Canhão Cársico da Ota,
andrelopes@campus.ul.pt

ANA CATARINA BASÍLIO Universidade do Algarve, ICArEHB, catarinasbasilio@gmail.com

RESUMO A decoração do tipo Folha de Acácia surge como mote da primeira revisitação ao sítio da Ota volvidos mais de 50 anos dos trabalhos expositivos de Ernâni Barbosa, sendo este tipo decorativo o mais representativo do conjunto Calcolítico da colecção do Museu Hipólito Cabaço em Alenquer. Este motivo decorativo representa, para o Calcolítico da Ota, um ponto de partida para trabalhos futuros, ainda que se trate de um conjunto relativo a intervenções precoces que reflectem recolhas deliberadamente discriminatórias face aos conjuntos de cerâmica comum, o que resultou, num conjunto composto apenas por cerâmica decorada, sem apresentar qualquer exemplar comum.

As análises a conjuntos sem contexto têm sido preteridas e o distanciamento da Estremadura tem sido uma constante na investigação arqueológica, salvo algumas excepções, já que a verdade a que assistimos é um crescente interesse nos territórios alentejanos onde têm surgido contextos arqueológicos diferenciados que rompem com os paradigmas impostos até ao momento. Contudo, e face ao distanciamento que se fez sentir até aos dias de hoje, seria vital redescobrir e visitar esta área com novos “olhos” livres de “pré-conceitos” teóricos. O facto é que o regresso à Estremadura urge e a decadência das estruturas é uma realidade que atinge e se torna, a cada dia que passa, mais difícil “desenferujar” e revitalizar, num território já assumido como “conhecido”.

PALAVRAS CHAVE Folha de acácia, Calcolítico, Península de Lisboa, Ota, cerâmica decorada

ABSTRACT The decoration of ‘Acacia Leaf’ type emerges as a theme for the first revisitation to the site of Ota, more than 50 years after the works of Ernâni Barbosa, as the most representative decorative type of the Chalcolithic collection from the Museu Hipólito Cabaço (Alenquer). This decorative motif is, to Ota’s Chalcolithic, a starting point for future research, although this set belongs to very early interventions that deliberately chose distinctive fragments over the more common pottery, which resulted in a set composed only by decorated pottery, without any ordinary exemplar.

The analyses of decontextualized sets have been disregarded and a constant detachment from Estremadura is felt in the archaeological research, with a few exceptions. The truth is that there is a growing interest in the Alentejo region, where emerge different archaeological contexts that break with the imposed paradigms. However, it would be vital to rediscover and revisit this area with fresh “eyes” free from theoretical preconceptions. The fact is that the return to Estremadura is imperative and the decay of the structures is a reality that reaches and becomes, day by day, more difficult to “derust” and revitalize, in a territory already assumed as “known”.

KEYWORDS Acácia leaf, Chalcolithic, Lisbon peninsula, Ota, decorated ceramic

INTRODUÇÃO

O presente ensaio resulta de um trabalho de conclusão de Licenciatura na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, tendo sido continuado por ambos os autores, no âmbito do projecto de Caracterização e Plano de Acção do Canhão Cársico de Ota. Este tem como génese o 1.º Orçamento Participativo de Alenquer, abarcando 3 áreas científicas – Arqueologia, Biologia e Geologia – que trabalham sobre a mesma realidade geográfica e geológica. Esta abordagem centra-se num conjunto de peças com decoração Folha de Acácia do Museu Hipólito Cabaço, às quais foram adicionados fragmentos recolhidos nos trabalhos de prospecção, inerentes ao projecto (figura 1). O estudo das cerâmicas decoradas, neste caso as Folha de Acácia, é sempre um desafio facilitado pela sua



1. Vista de Este para o “Castro” de Ota.

ampla recolha, mas também dificultado pela ausência de contextos que nos permitam compreender significados e funcionalidades. Ainda assim, a recolha de exemplares decorados em prospecção permite definir áreas com maior potencial e uma possível extensão da ocupação no Castro de Ota, mostrando-se essencial fazer a combinação dos dados da prospecção e das colecções antigas.

ENQUADRAMENTO

O assentamento aqui em estudo, o “Castro” de Ota, situa-se a cerca de 1 km a noroeste do centro da localidade de Ota (concelho de Alenquer) – 39°06’54.2” N e -9°00’00.9”W (figura 2). Encontra-se na actual serra de Ota, a uma altimetria que ronda os 150 m, com aproximadamente 220 metros de comprimento por 126 metros de largura, com uma orientação Sul-Norte, implantando-se, mais concretamente, na margem direita do Canhão Cársico de Ota. O topo do relevo é aplanado, compondo uma pequena área com cerca de 9 800 m², associado a um declive ligeiro para Sudoeste. As vertentes Norte, Este e Sul são íngremes, sendo constituídas por escarpas que atingem os 50 m. Outra das características é a existência do rio Ota, subsidiário do rio Tejo, com nascente na Serra do Montejunto, reafirmando ainda mais a importância da Serra e do próprio Rio em si, enquanto agente estruturador do povoamento na sua extensão.

A nível geológico o sítio da Ota encontra-se inserido nos denominados afloramentos “Calcário de Ota, Alenquer e Silveira” (Jurássico Kimeridgiano), sendo estes a origem dos mais imediatos relevos da região a sul do Montejunto: a serra da Atouguia, a serra de Ota, o afloramento calcário de Monte Redondo e os afloramentos calcários do vale da Ribeira de Alenquer. A fauna é igualmente um exercício difícil, já que não dispomos de estudos específicos, contudo os nichos florestados mantiveram-se nos microclimas e ainda hoje restam imperturbados e longe da acção humana. Ainda assim, as espécies que habitavam nesses locais foram sucessivamente desviadas, quer pela poluição no leito do rio, quer pelas actividades cinegéticas. Presume-se, com todas as inseguranças, que seria habitado por espécies de

bosques – raposa, texugo, manguço, esquilo vermelho, gato bravo, javali – assumindo-se que, também o veado e o cavalo possam ter pertencido a este nicho ecológico. A Ota é, em suma, um sítio com uma implantação típica quando comparando com os sítios congéneres (Gonçalves *et al.*, 2013, p. 63-64), quer sejam eles Leceia (Cardoso, 2006), Zambujal (Kunst, 1975) ou Penedo do Lexim (Sousa, 2010). Implantada numa elevação proeminente, mas segura, vai controlar um espaço geográfico amplo, ainda que apresente limitações de controlo a Oeste, sendo que se mantém como pólo de atractividade até ao Período Medieval Islâmico.

METODOLOGIA

O conjunto cerâmico da Ota padece das mesmas problemáticas da grande maioria dos conjuntos provenientes de sítios arqueológicos contemporâneos, em especial na actual Estremadura Portuguesa. Essencialmente compostos por recolhas antigas, com um acesso muito dificultado aos contextos em que estes estariam integrados, impedindo a reconstituição ou, acima de tudo, a compreensão de possíveis sequências cronológicas, que facilitariam o estabelecimento de considerações sobre “continuidades”, “rupturas”, “avanços” e “recuos”.

No caso concreto do conjunto de cerâmicas do tipo Folha de Acácia, em especial para a zona da Península de Lisboa temos, como pioneiro, o estudo de Michael Kunst (1975) que estabelece uma tipologia, amplamente aplicada em casos homólogos, referente a esta gramática decorativa, presente no Zambujal. Esta tipologia veio a ser simplificada (Sousa, 2010) sendo por nós aplicada no presente trabalho. Estes pressupostos “modernos” só podem ser observados num número limitado de obras na região em estudo – como os casos de Leceia (Cardoso, 2006) e Pedra de Ouro (Branco, 2007) – utilizados para facilitar e permitir o estabelecimento de paralelos crono-tipológicos.

Tendo em vista uma análise completa do conjunto, todos os fragmentos foram estudados de forma integral, procedendo-se a uma representação gráfica seguindo os parâmetros uniformizados para a Pré-História. Neste caso, a representação da intensiva decoração foi feita



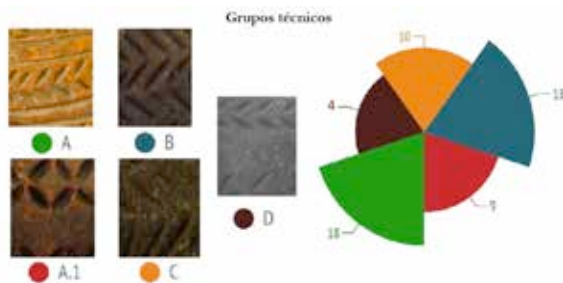
3. Localização geográfica da área em estudo.

recorrendo a fotografias, tornando a nossa influência nas leituras menor, possibilitando uma observação crítica de quem acede a este trabalho.

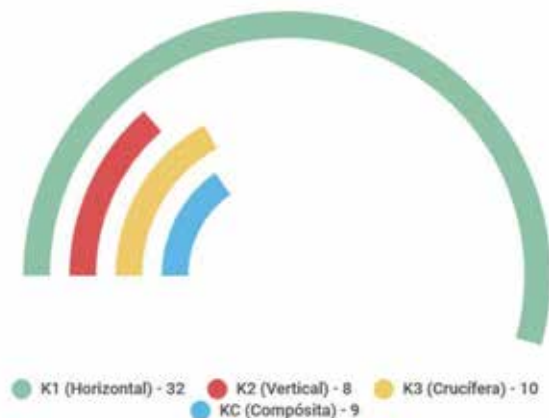
O estudo das pastas, por ser ainda pouco generalizado e aplicado em contextos Pré-históricos, representou o verdadeiro desafio deste trabalho. Foram seguidos os métodos de R. Bishop, R. Rands e G. Holley (1982) e P. Stienstra (1986), que consistem em analisar, a nível macroscópico, as especificidades e tratamentos das pastas. Através destes parâmetros foi possível ensaiar grupos de pastas (figura 3), que permitiram relacionar as pastas, as formas e as decorações, sendo importante enfatizar a necessidade de uniformizar as tipologias e expandir as análises a níveis já aplicados noutros períodos cronológicos.

Assim sendo, o conjunto em estudo é composto por um total de 59 fragmentos com decoração do tipo Folha de Acácia, sendo que a amostra se encontra muito fragmentada, integrando apenas 21 bordos, dos quais 18 permitiram reconstituição formal – oito globulares de bordo reentrante, sete taças e três recipientes de paredes rectas. Em termos gerais, a fragmentação é uma característica deste tipo de cerâmicas, especialmente as que provêm de sítios com longas diacronias de ocupação, escasseando as formas completas.

As famílias decorativas estão bem representadas (figura 4), existindo uma predominância para a Folha de Acácia horizontal (K1), que conta com um total de 32 fragmentos. Este resultado vai de encontro com a preponderância deste motivo, face às outras famílias,



3. Distribuição gráfica por grupos técnicos.



4. Distribuição gráfica por famílias decorativas.

verificando-se em alguns dos sítios mais importantes da Península de Lisboa como o Penedo do Lexim - 60% (Sousa, 2010), o Zambujal - 65% (Kunst, 1996), ou Leceia - 75% (Cardoso, 2006). Já os motivos K2 (Folhas de Acácia verticais) detêm oito exemplares e os K3 (crucíferas) com dez correspondências – estes números corroboram a ideia de que o motivo mais compreendido seria o que aplica e desenha a Folhas de Acácia na sua forma horizontal. Por sua vez, o grupo KC (motivos compósitos), apresenta um total de nove peças identificadas. Estes grupos, aquando de estudos estratigráficos mais finos e objectivos, podem ainda permitir desenhar evoluções ou adaptações cronológicas que podem servir como marcadores cronológicos relativos.

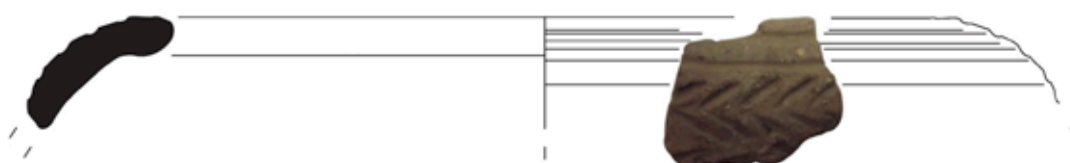
(PRÉ)CONCEITOS

Foi para nós essencial definir as questões cronológicas e de significado inerentes à decoração Folha de Acácia. Esta surge associada a copos, a nível estratigráfico, bem como à cerâmica Campaniforme (Kunst e Lutz, 2008), mostrando que não há uma tripartição efectiva, mas sim uma divisão, em que a cerâmica de tipo Folha de Acácia é transversal, e está presente desde o início do Calcolítico até ao seu final, como pensado para a realidade do Castro do Zambujal, ainda que este local apresente problemas a nível estratigráfico.

Outro dos pontos fracturantes na análise deste tipo de decoração prende-se com a terminologia utilizada para as descrever e caracterizar. Enquanto no início estas apareciam descritas consoante as suas características formais, como é caso de ornatos gravados (Ribeiro, 1880, p. 45), mais recentemente o termo Folha de Acácia (Ferreira e Silva, 1970; Gonçalves, 1971) tornou-se reconhecido na comunidade científica. É interessante explorar mais este conceito, já que representa um processo, única e exclusivamente, estético, de aproximação e semelhança, sem fundamento científico ou empírico. É curioso compreender que as folhas de acácia, no sentido natural, só se encontram no nosso território no início do século XVII, representando uma espécie endémica, não detectável no nosso território na Pré-História. Como tal o termo parece-nos pouco correcto, sendo necessário difundir a carência de um pensamento crítico sobre os conceitos que utilizamos, praticamente de forma pré-determinada sem os questionar. No nosso entender, o conceito actual contribui para uma homogeneização de vocabulário, facilitando a compreensão dos trabalhos de vários investigadores. Esta é a principal razão pela qual mantemos esta nomenclatura, ainda que nos pareça que os termos “espinhado” e “cruciforme”, reflectindo considerações sobre o desenvolvimento decorativo, se apresentem como mais neutrais e objectivos. Ainda assim, parece-nos interessante o desafio da ponderação e revisão conceptual, tendo em vista análises e trabalhos mais distanciados das nossas crenças e tendências, mais próxima da verdadeira expressão e significado destas peças e desta linguagem. Porém, é importante ter em conta que “A questão de terminologias não é contudo a chave para a descodificação do significado destas cerâmicas...” (Sousa, 2010, p. 288).



1644/31



1644/24



1644/30



1644/39



1644/38



5. Estampa representativa das formas identificadas.

BREVES CONCLUSÕES

Como breve conclusão podemos referir que o conjunto da cerâmica de tipo Folha de Acácia da Ota se enquadra nas tipologias formais (figura 5) e decorativas dos povoados homólogos, apresentando um número considerável de peças tendo em conta a sua intervenção antiga. A densidade de peças provenientes de prospecção, um total de 7, vem acentuar a potencialidade do sítio mas, em simultâneo, informar-nos sobre o grau de afectação presente no sítio da Ota. Todavia, os trabalhos têm produzido dados muito interessantes que enfatizam a necessidade constante de revisão dos sítios arqueológicos e das colecções, por novos investigadores com métodos recentes.

O “Castro” de Ota é um sítio que, pelos seus recursos e posicionamento – quer a existência de um rio, quer a proximidade com o pólo da Serra do Montejunto – se verificou ser atractivo para as mais diversas populações que por ali passaram. A sua cerâmica é a prova desta questão, mostrando que a ocupação do Calcolítico foi, sem dúvida, intensa e uma das mais importantes, até agora, encontradas no sítio. A Folha de Acácia comprova que as populações e comunidades da Ota se enquadravam dentro dos preceitos e técnicas do 3.º milénio, enfatizando a ideia de que a Península de Lisboa apresenta uma homogeneidade cultural durante o Calcolítico. Novos dados estão a ser analisados e tratados, sendo que esperamos dar uma nova perspectiva sobre o sítio da Ota.

BIBLIOGRAFIA

- AMARO, G. (2010-2011) – Continuidade e Evolução nas cerâmicas Calcolíticas da Estremadura: um estudo arqueométrico das cerâmicas do Zambujal. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 18, p. 201-233.
- BRANCO, G. (2007) – *A Pedra de Ouro (Alenquer): uma leitura actual da Colecção Hipólito Cabaço*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia (Trabalhos de Arqueologia, 49).
- BISHOP, R.; RANDS, R.; HOLLEY, G. (1982) – Ceramic compositional analysis in archeological perspective. In SCHIFFER, M., ed., *Advances in archeological method and theory*. New York: Academic Press, p. 275-330.
- CARDOSO, J. (2006) – As cerâmicas decoradas pré-campainiformes do povoado pré-histórico de Leceia: suas características e distribuição estratigráfica. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 18, p. 467-551.
- FERREIRA, O.; SILVA, C. (1970) – A estratigrafia do povoado pré-histórico da Rotura (Setúbal): nota preliminar. In *Actas das 1as Jornadas Arqueológicas*. Vol. 1. Lisboa: Associação de Arqueólogos Portugueses, p. 201-226.
- GONÇALVES, V. (1971) – *O Castro da Rotura e o vaso Campaniforme*. Setúbal: Junta distrital.
- GONÇALVES, V.; SOUSA, A.; COSTEIRA, C. (2013) – Walls, Gates and Towers. Fortified settlements in the South and Centre of Portugal: Some notes about violence and walls in the 3rd millennium BCE. *CPAG*, 23, p. 35-97.
- KUNST, M. (1975) – *Zambujal: glochenbecher und kerbblattvertziste keramik aus der grabungen 1964 bis 1973*. Mainz: Philipp Von Zabern (Madrider Beitrage, 5).
- KUNST, M. (1996) – As cerâmicas decoradas do Zambujal e o faseamento do Calcolítico da Estremadura Portuguesa. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 6, p. 257-287.
- KUNST, M.; LUTZ, N. (2008) – Zambujal (Torres Vedras, Portugal): zur Präzision der absoluten chronologie durch die Untersuchungen an der vierten Befestigungslinie. *Madrider Mitteilungen*, 49, p. 29-63.
- RIBEIRO, C. (1880) – *Notícia de algumas estações e monumentos pré-históricos do Concelho da Figueira: Il monumentos megalíticos das vizinhanças de Belas*. Lisboa: Academia Real das Sciencias.
- STIENSTRA, P. (1986) – Systematic macroscopic description of the texture and composition of ancient pottery: some basic methods. *Newsletter. Department of Pottery Technology (University of Leiden)*, 4, p. 28-48.
- SOUSA, A. (2010) – *O Penedo do Lexim e a sequência do Neolítico Final e Calcolítico da Península de Lisboa*. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (Tese de Doutoramento).